

Índice

A Casa dos Fundos	7
Notas	231
Nota da Tradução	233
Posfácio: “Porque eu quero escrever!”	237

A Casa dos Fundos

Escrever um diário, para mim, é uma sensação totalmente nova e estranha. Nunca fiz isto. Se eu tivesse uma amiga íntima, a quem pudesse contar tudo o que sinto, certamente não me teria passado pela cabeça comprar um caderno e enchê-lo de tolices que mais tarde não interessariam a ninguém.

Mas, uma vez que o comprei, vou-me dedicar e zelar para não acabar esquecido num canto um mês depois, e não vou deixar que ninguém o veja. Mesmo que goste muito do meu pai, da minha mãe e da Margot e até lhes possa contar muitas coisas, eles não têm nada que ver com o meu diário e as minhas confidências.

Em vez de apenas escrever no diário, vou imaginar que tenho uma amiga, daquelas muito próximas, que gosta do que eu gosto e que entende as minhas preocupações — vou escrever cartas à minha amiga imaginária, a Kitty.

Mãos à obra!

Para uma pessoa como eu, é muito estranho escrever num diário. Não só porque até agora nunca escrevi, mas também porque acho que, mais tarde, nem eu nem ninguém se vai interessar pelos desa-
bafos de uma menina de treze anos. Bem, nada disso interessa, pois tenho vontade de escrever e, mais do que isso, de abrir totalmente o meu coração sobre tudo o que acontece. “O papel aceita tudo, as pessoas não” — lembrei-me deste ditado um dia quando eu, assim meio melancólica e entediada, estava em casa com a cabeça apoiada nas mãos, sem energia para decidir se deveria sair ou não, e fiquei ali sentada, absorta nas minhas preocupações. Pois é verdade, o papel aceita qualquer coisa, e, como não tenho a intenção de mostrar a ninguém este caderno com o nome impressionante de “diário” — a não ser que, quem sabe, um dia eu tenha um amigo ou uma amiga que então será “aquele amigo” ou “aquela amiga” —, provavelmente ninguém se vai importar se escrevo ou não.

E agora cheguei à questão que deu origem a toda esta ideia do diário: não tenho nenhuma amiga.

Para ser mais clara, isso merece uma explicação, pois ninguém entende como uma menina de treze anos está sozinha no mundo — o que também não é verdade: tenho pais que me amam e uma irmã de dezasseis anos, e uns trinta conhecidos no total, entre os quais algumas pessoas a quem até posso chamar amigas; tenho um bom número de admiradoras que passam o tempo todo a adular-me, a estudar-me, e, se não há outra maneira, tentam espiar-me usando

um espelho de bolso. Tenho uma família, tias carinhosas e uma boa casa. Ou seja, à primeira vista, não me falta nada, a não ser “aquela” amiga. Mas com as meninas que conheço apenas me divirto, nunca consigo falar sobre nada além de banalidades nem chegar a ter uma conversa um pouco mais íntima, e aí é que está o problema.

Talvez a culpa pela falta de confiança seja minha, mas, seja como for, é uma pena, não tenho como mudar isso. Assim, surgiu o diário. E para reforçar ainda mais, na minha fantasia, a ideia de finalmente ter a tão desejada amiga, este diário não serve apenas para narrar factos como toda a gente faz, mas quero que ele seja a própria amiga, e essa amiga chama-se Kitty.

Ninguém entenderia as histórias que conto à Kitty se as contasse assim sem mais nem menos, por isso, por mais que me desagrade fazê-lo, primeiro vou fazer um resumo da história da minha vida.

O meu pai, que adoro com fervor, já tinha 36 anos quando se casou com a minha mãe, então com 25. A Margot, a minha irmã, nasceu em 1926, em Frankfurt, na Alemanha. A 12 de junho de 1929 cheguei eu, e, por sermos judeus puros, em 1933 emigramos para os Países Baixos, onde o meu pai foi contratado como diretor da sociedade neerlandesa Opekta Mij.¹, uma fábrica de geleias. Passámos por muitas coisas, pois os nossos familiares que ficaram na Alemanha sentiram o peso das leis antisemitas de Hitler. Em 1938, depois dos *pogroms*², os meus dois tios, irmãos da minha mãe, conseguiram fugir para a América do Norte, e a minha avó, com os seus 73 anos, juntou-se a nós. Depois de maio de 1940, acabaram-se os bons tempos, veio primeiro a guerra, a capitulação, o avanço dos alemães, e aí começou o sofrimento para nós, judeus. A cada dia apareciam mais leis contra os judeus, e a nossa liberdade era cada vez mais restrita, mas ainda assim conseguimos aguentar a situação, mesmo com a estrela³, a segregação nas escolas, o toque de recolher das oito da noite, etc.

A minha avó faleceu em janeiro de 1942; em outubro de 1941, eu e a Margot tínhamos sido transferidas para o Liceu Judaico⁴, ela para o 4.º ano, e eu para o 1.º ano.

Até à data, tudo corre bem à nossa família de quatro pessoas, e assim chegámos ao dia de hoje, momento da solene inauguração do meu diário.

Amesterdão
20 de junho de 1942

Anne Frank

20 de junho de 1942

Querida Kitty,

Vou começar já, agora que tudo está tão calmo. O papá e a mamã saíram, e a Margot foi jogar pingue-pongue com alguns amigos em casa da Trees. Ultimamente tenho jogado muito pingue-pongue também, tanto que, com cinco meninas, começámos um clube. O clube chama-se Ursa Menor Menos 2. Sim, o nome é muito estranho, mas tudo começou com um erro. Queríamos um nome bastante especial para o clube, e, como temos cinco membros, lembrámo-nos das estrelas. Achávamos que a Ursa Maior tinha sete estrelas e a Ursa Menor cinco, mas quando fomos pesquisar descobrimos que as duas têm sete estrelas. Então acrescentámos “menos 2”. A Ilse Wagner tem uma mesa de pingue-pongue, e a ampla sala de jantar da casa dela está sempre à nossa disposição. A Susanne Ledermann é a presidente, a Jacqueline van Maarsen é a secretária, e eu, a Elizabeth Goslar e a Ilse somos os outros membros do clube. As cinco estrelas jogadoras gostam de gelado, e no verão, depois de jogar, muitas vezes vamos às gelatarias mais próximas que podem ser frequentadas por judeus: a Oase ou a Delphi.

Nem nos preocupamos em levar carteira ou dinheiro; normalmente, na Oase está tanta gente que há sempre alguns senhores generosos, nossos conhecidos, ou um ou outro admirador, que nos oferecem mais gelados do que alguma vez poderíamos comer numa semana.

Acho que vai ser uma surpresa para ti o facto de eu, tão jovem (a mais jovem do clube), estar a falar sobre admiradores. Infelizmente,

mas em alguns casos não tanto, isso parece inevitável na nossa escola. Assim que um rapaz me pergunta se me pode acompanhar de bicicleta até minha casa e começa uma conversa, posso ter quase a certeza de que ele vai ser um daqueles que em breve se vão apaixonar loucamente por mim e não me vão largar. Uns tempos depois, eu sei que a paixoneta vai acabar, principalmente porque não me importo muito com os olhares ardentes, e continuo a pedalar como se nada tivesse acontecido. Quando vão longe de mais e começam a falar sobre ter uma conversa com o meu pai, finjo que não controlo a bicicleta, a minha mala cai, e, para não ser indelicado, o jovem desce da bicicleta e vem-me devolver a mala, e aproveito para mudar de assunto.

Esses são apenas os inocentes, é claro. Há os que me mandam beijos ou que querem andar de braço dado comigo, mas eles não fazem ideia da pessoa com quem se meteram! Desço da bicicleta ou então recuso a companhia, finjo que fui insultada e digo em poucas palavras para me deixar em paz.

Bem, já temos a base para a nossa amizade, até amanhã,

Da tua Anne